



Um dia sem carne

Ivana Maria França de Negri

Parabenizo o restaurante da Esalq pela feliz iniciativa de abolir carnes dos pratos uma vez por semana. Mudanças são sempre bem-vindas. Há que se conhecer novos sabores, novos tipos de alimentação.

O assunto, pra lá de polêmico, provoca respostas iradas de quem não dá uma parada para refletir. Muita gente come carne porque todo mundo come e porque sempre foi assim e se nega a mudar. Uns até acham incorreto, outros têm pena dos animais judiados na indústria da carne, mas se deixam levar pela correnteza fechando os olhos para esse sofrimento todo. É muito mais fácil nadar a favor, dá preguiça nadar contra a maré e vão na onda de uma sociedade consumista e insensível.

Todas as nossas ações terão consequências. Quem come muita carne está colaborando para a fome no mundo e pode trazer danos à sua saúde, e além disso, a pecuária é responsável por 70% do desmatamento.

Nos primórdios dos tempos existiam nas florestas apenas o homem primitivo e os animais. E eles se enfrentavam corpo a corpo, de igual para igual. O homem matava com as próprias mãos para comer a carne do vencido, mas mui-

tas vezes perdia a luta e era ele próprio devorado pelo animal que tentava caçar.

Hoje em dia, a luta não é mais de igual para igual e sim uma pavorosa e torturante carnificina. O homem criou uma cruel indústria da carne, onde animais são tratados como "coisas" e ninguém se importa com seu sofrimento, o importante é o lucro. Galinhas são confinadas em granjas que são bem piores do que os campos de concentração nazistas. Porcos são criados em gaiolas onde mal podem se mover. Vitelas são separadas das mães para virar baby beef, bebês anêmicos que nunca verão a luz do sol e irão para o abate carregados porque não conseguem caminhar sozinhos de tanta fraqueza, torturados que são para que sua carne seja rósea e macia.

É muito difícil modificar mentalidades, culturas e hábitos milenares. Para dizer a verdade, somos todos vítimas de tabus e preconceitos. Médicos e nutrólogos ainda relutam em aceitar que é possível, e muito mais saudável, viver sem a podridão da carne. Mas as novas gerações estão aí, saudáveis e vegetarianas provando que viver sem comer qualquer tipo de carne é completamente viável e existe muita oferta de alimentos

sem crueldade, isentos de violência.

Muitas pessoas que adoram animais, tratam seu cão ou gato como se fossem filhos, dormem e conversam com eles, ficam tristes quando morrem, mas jamais pensam no animal imolado no seu prato. Por que essa hipocrisia? Por que adorar alguns e devorar outros? Quando sai na imprensa que cães são pratos apreciados na culinária chinesa, as pessoas se mostram indignadas. Mas não se importam com o destino cruel dos porcos, carneiros, bois, peixes e galinhas.

Somos vítimas de uma cultura hipócrita. Leio nos jornais sobre igrejas, congregações e grupos que pregam a paz, organizando eventos onde o prato principal são churrascos, vitelas, porcos e bois no rolete, galinhadas e feijoadas... Onde fica a verdadeira misericórdia, a compaixão? Existe caridade às custas de sofrimento?

Vegetarianismo resume-se nisso: respeito pela Vida.

Parabéns a quem teve a feliz ideia de instituir o dia sem carne na Esalq induzindo as pessoas a repensarem seus hábitos. É bom para a saúde humana, é ótimo para o planeta e fundamental para os animais.

**Ivana Maria França de Negri
e escritora e vegetariana**